**Questões sobre o capítulo 1 do Livro “THE BIOLOGY OF TRADITIONS: MODELS AND EVIDENCE”**

**Beatriz Felício**

**Questão 1:** Na página 6, as autoras definem “tradição” da forma que será trabalhado por elas: padrões de comportamento compartilhados por membros de um grupo, que se mantém durante um certo tempo e cujo aprendizado individual foi socialmente mediado. Isso é mais detalhado na página 18. Porém, vejo, de forma geral, essa definição com um fator adicional: esse padrão comportamental não é comum a outras populações. Ou seja, a tradição seria única ou incomum entre grupo. Porque neste caso as autoras optaram por não incluir este ponto?

**Anotação:** “*In other words, capacities supporting social learning, like all forms of learning, may simply come along with brain size. What use specific taxa make of these abilities is likely to vary in accord with a constellation of ecological and social variables*.”

Esse parece ser uma das premissas centrais do texto e é uma afirmação bastante forte. Basicamente, diversos animais têm a capacidade de desenvolver aprendizado socialmente mediado e como isso se expressa no padrão comportamental dessa espécie vai variar pelo seu contexto.

**Questão 2:** “*Niche construction is more likely, in evolutionary terms, where its effects remain local, so that the benefits of niche construction are available to the individuals paying the costs of producing the effects. Niche construction is therefore most likely to evolve in species with certain types of social systems and settlement patterns or in certain environments where movement in slow (Pulliam, 2000)*”.

Neste trecho, o texto dá a entender que a construção de nicho é mais provável em animais com certos tipos de sistemas sociais, mas a construção de nicho não é mais ampla que isso? Por exemplo, as minhocas que cavam túneis na terra e tornam o solo mais aerado, alterando o ambiente para uma série de seres vivos, assim como elas mesmas. Não se trata de uma questão social neste caso. Isso entraria na parte de “movimento lento” como dito acima?

**Questão 3:** “*An alternative view, well represented in contemporary anthropology and psychology, considers cognition as the process of organizing and maintaining streams of activity rather than the process of managing particles of knowledge (e.g., Gibson, 1966, 1986; Johnson, 1987; Reed, 1996; Thelen and Smith, 1994; van Gelder, 1998).”*

O que isso quer dizer exatamente? O que significa “correntes de atividade”? Ativação neural ou uma forma de fazer as coisas? O que seria organizar e manter essas correntes?

**Questão 4:** *“The social learning process of concern to us is one of generation, not transmission. Adopting this perspective, what distinguishes social learning and traditions across species derives from the depth of meaning afforded by the social component of the environment, and the likelihood of generating similar practices (see Matsuzawa et al. 2001 for a convergent view).*”

O que significa “profundidade de significado permitido pelo componente social do ambiente”? Como isso poderia ser medido?

**Anotação:** Tradição pode ser entendida como composta por 3 fatores variáveis: duração, propagação (essa é uma boa tradução para “distribution” neste caso?) e nível de contribuição social. A partir disso pode se fazer modelos 3D com 3 eixos (x, y e z) para entender as condições de certa tradição. Discutir se comportamentos, que se encaixem como forte em um eixo e fraco em outros, podem ser chamados de tradições é um ponto muito interessante de trazer em aula.

**Anotação:** “Contraste de grupo” é a forma que as autoras se referem aos paradigmas que tentam separar as tradições de outras explicações (diferenças ambientais e/ou genéticas, processos migratórios que difundem tradições ou as perdem, etc). Dentro desse paradigma, a existência de um padrão comportamental em um determinado grupo que pode ou não ser justificada apenas por explicações não-sociais é um fator determinante para poder chamar o comportamento de tradição.

**Questão 5:** A visão sobre tradições que se foca no “Contraste de grupo” apesar de ser muito difícil de ser posta em prática em diversas situações, gera discussões importantes sobre comportamentos presumidos como tradição. Um exemplo famoso é o comportamento de chimpanzés para forragear formigas, ele variava entre duas populações, uma de Gombe e outra de Tai. Por muito tempo essa diferença foi considerada como uma forte evidência de tradição, porém se mostrou que o que variava era a espécie de formiga consumida, formigas mais agressivas pediam uma técnica e as menos poderiam ser pegas com outra técnica. Chimpanzés que são expostos aos dois tipos de formiga facilmente trocam de técnica. Laland e Hoppitt escreveram um artigo interessante sobre o assunto em 2003 (‘Do animals have culture?’). Acho importante discutir esse aspecto apesar de muitas vezes tirar a prova ser impraticável. Principalmente em primatas. Mas foi feito um trabalho interessante nesse sentido, “Potent Social Learning and Conformity Shape a Wild Primate’s Foraging Decisions” de van de Wall et. All. (2013), onde se faz um experimento simples para demonstrar a formação de uma tradição em primatas de vida livre. Claro que isso não exclui a necessidade do comportamento se propagar por aprendizado de forma socialmente mediada. Deve ser interessante ver o ponto de vista mencionado nesse capítulo do livro que será apresentado adiante por Dewar, Huffman e Hiratta em 2 capítulos diferentes.

**Anotação:** O aspecto ontogenético não poder ser tirado mesmo com essas discussões é um bom ponto como crítica ao “contraste de grupo”. Realmente não dá para concluir nada neste sentido por essa linha de pensamento. E depois, na discussão sobre a relação deste conceito com o dilema aprendido x inato para justificar a necessidade de tirar fora componentes genéticos, é feita uma crítica profundamente válida, já que essa dualidade de fato não existe.

“*Sometimes those conducting naturalistic observations argue that demonstrating the necessity of social learning in the generation of similar behaviors in different individuals requires ruling out all plausible alternative explanations (usually, environmental sources, such as resource availability, and presumed genetic differences) (Boesch, 1998; McGrew, 1998). Unfortunately, it is a logical impossibility to rule out all other mechanisms besides social learning that might produce similar behaviors in two or more individuals on the basis of observations of spontaneous behavior in natural settings*.” Página 36.